

7º ENAL – Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem

Simpósio: Revisitando aspectos da aquisição da escrita: considerações lingüísticas

Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico

Ana Ruth Moresco Miranda
Universidade Federal de Pelotas - PPGE

Introdução

A análise dos erros gráficos e ortográficos encontrados nos textos de aquisição da escrita tem propiciado o desenvolvimento de pelo menos três linhas de investigação: uma que analisa os erros relacionados às dificuldades advindas da organização do próprio sistema ortográfico e procura observar os processos e as estratégias utilizadas pelos aprendizes durante o período em que estão adquirindo a escrita, os chamados erros contextuais e arbitrários (Morais, 1995, 2002; Guimarães, 2005; Miranda et alii, 2005); outra que interpreta os erros com base na relação existente entre a fala e a escrita inicial, os erros motivados foneticamente (Mollica, 1998); e, por fim, a que pretende, através de análises qualitativas e da exploração de dados singulares, captar as manifestações do conhecimento fonológico infantil, evidenciando aspectos de sua construção (Abaurre, 1988, 1991, 1999; Varella, 1993; Cunha, 2004; Cunha e Miranda 2006; Miranda, 2006; Adamoli, 2006).

Este estudo, que se insere nessa última linha de investigação, leva em conta o fato de serem os processos de aquisição da fonologia distintos daqueles de aquisição/aprendizagem da escrita, sem, no entanto, deixar de considerar que há conexões entre ambos. Nesse sentido, torna-se possível o estabelecimento de relações entre a escrita espontânea e as representações fonológicas subjacentes, a partir da discussão de resultados obtidos em decorrência da análise dos dados da produção escrita das crianças, os quais podem ser confrontados com aqueles obtidos em trabalhos sobre aquisição da fonologia. O vínculo estreito entre esses dois campos de investigação pode ser estabelecido já que, durante o processo de aquisição da ortografia, a criança, em suas tentativas de perceber as propriedades desse novo objeto de conhecimento, o sistema de

escrita de sua língua, tende a confrontá-lo com outro de natureza semelhante, a linguagem oral, ou, melhor dizendo, o conhecimento que possui sobre a fonologia da sua língua materna.

Nesse processo de aquisição da escrita, vão ocorrer alguns “vazamentos” desse conhecimento lingüístico construído pela criança desde seus primeiros contatos com a língua, os quais podem ser observados em erros que envolvem tanto aspectos segmentais como prosódicos. A idéia de possíveis “vazamentos” parece ser apropriada uma vez que, durante a aquisição da escrita, se observa um processo extremamente complexo que, entre outras coisas, permite à criança a tomada de consciência a respeito do conhecimento tácito e inconsciente relativo à gramática da sua língua, a competência no sentido chomskiano do termo. Essa linha de estudos não é nova. Abaurre (1988, 1991, 1999) tem trabalhado nessa perspectiva e produzido um conjunto de análises muito importantes para que melhor sejam compreendidas essas relações entre fonologia e ortografia no processo de aquisição da escrita.

A aquisição da fonologia, neste trabalho, é abordada a partir da sua construção pelas crianças, quer dizer, a partir de uma idéia segundo a qual o conhecimento fonológico vai sendo gradativamente construído, em decorrência da interação entre os mecanismos inatos (GU) e o input oferecido pelo ambiente em que a linguagem está se desenvolvendo, dos estágios iniciais, que independem das propriedades específicas das línguas, até os estágios finais aos quais essas propriedades estão condicionadas.

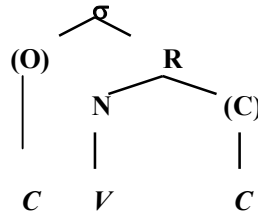
No caso específico deste estudo, serão retomados alguns aspectos da fonologia, referentes à sílaba e à sua constituição de acordo com as regras específicas da língua portuguesa, bem como resultados de pesquisas de aquisição da coda medial por crianças falantes do português tanto na oralidade como nas escritas, a fim de que se possam discutir as relações entre o conhecimento fonológico e o desempenho das crianças em suas escritas iniciais.

Sobre a sílaba do português e sua aquisição

A sílaba, na perspectiva de Selkirk (1982), é entendida como uma unidade lingüística com estrutura interna entre cujos constituintes está estabelecida uma relação

hierárquica. Segundo esse ponto de vista, uma estrutura do tipo *CVC* tem a formalização como em (1):

(1)



O *onset* (O) e a rima R são dois constituintes imediatos básicos. O *onset* não é obrigatório e pode ser subdividido e a rima é constituída, necessariamente, de um pico de sonoridade, o núcleo N, e de uma coda (C), que é opcional.

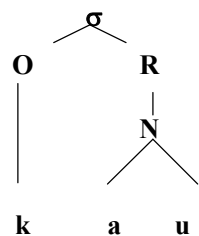
Os estudos do português mostram que a sílaba mínima na nossa língua é constituída de uma vogal e a sílaba máxima de uma seqüência de no máximo cinco elementos. Segundo Bisol (1999), o preenchimento dessas posições obedece às seguintes restrições: a segunda posição de *onset* só pode ser ocupada pelas soantes líquidas /l/ e /r/; a primeira posição da coda, por qualquer soante - /r/, /l/, /N/, /j/ e /w/ - e pela fricativa coronal /S/; e, nos casos em que há o preenchimento da segunda posição de coda, somente é licenciado o /S/.

Há, porém, na literatura, duas divergências básicas em relação ao preenchimento da rima: a posição das semivogais e da consoante nasal. Considerando-se as primeiras sílabas das palavras ‘causa’ e ‘canto’, respectivamente, para que se possa observar o problema, têm-se de acordo com Bisol (1999) duas estruturas de sílaba CVC. Essa posição, no entanto, não é compartilhada por todos os estudiosos.

Com relação à semivogal, seguindo a tradição de Câmara Jr. (1970), Lee (1999) propõe que ela ocupe uma posição no núcleo, o que cria a possibilidade de núcleos ramificados e, conseqüentemente, sílabas leves.

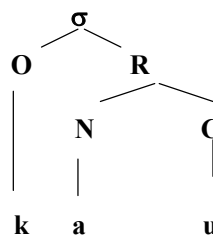
Em (2a) e (2b), pode-se observar a estrutura resultante de uma e de outra posição teórica, Lee (1999) e Bisol (1999), respectivamente:

(2a)



Lee (1999)

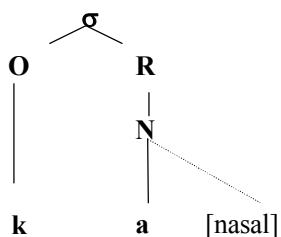
(2b)



Bisol (1999)

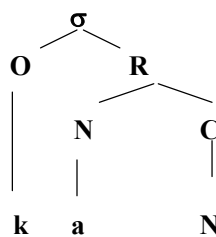
Com relação à nasal, são duas as principais propostas, enquanto para Bisol (1999:710) a nasalidade fonológica do português decorre de uma seqüência $CVC_{[nasal]}$, para Mateus e Andrade (2000:131) não se trata de uma coda mas sim de um autosegmento nasal flutuante, sem lugar no esqueleto silábico, o qual está diretamente ligado ao núcleo. Segundo essas propostas, têm-se representações conforme (3a) e (3b):

(3a)



Mateus e Andrade (2000)

(3b)



Bisol (1999)

Como é possível observar, os estudos sincrônicos sobre a coda do português, trazem posições diferentes dos autores tanto com relação à ramificação ou não do núcleo como no que diz respeito à existência ou não de uma coda nasal.

Pesquisas de aquisição fonológica que investigam a emergência e fixação desse padrão silábico, por seu turno, trazem também resultados e propostas variadas. Matzenauer-Hernandorena (1990), Rangel (1998) e Mezzomo (1999) trabalham com a proposta de existência de uma coda nasal ao analisarem a aquisição segmental e prosódica do português brasileiro.

Freitas (1997), diferentemente, argumenta em favor da natureza lexical da nasalidade do português. As crianças portuguesas por ela estudadas tendem a evitar

alvos com fricativas em coda quando seus padrões silábicos não aceitam rima ramificada, utilizando a estratégia de seleção. O mesmo não foi observado pela autora com os alvos cujas vogais são nasalizadas. Utilizando-se dessa evidência, Freitas interpreta a vogal nasalizada como decorrente, não de uma seqüência VN, mas de uma associação de traço flutuante [nasal] à vogal do núcleo.

No que diz respeito à aquisição dos ditongos, Freitas (1997) e Bonilha (2000), ao estudarem o português europeu e brasileiro, respectivamente, argumentam em favor de uma ramificação do núcleo. Bonilha (2000) mostra que a estrutura CVV é adquirida nas primeiras faixas etárias por ela estudadas, as quais englobam crianças com idade de 1:0 ano.

Estudos transversais sobre aquisição trazem resultados que revelam uma ordem relativa à aquisição de segmentos nessa posição silábica. Para Matzenauer-Hernandorena (1990), a ordem é: nasal > fricativa > rótica; nas faixas etárias de 2:2-2:3, 2:10 – 2:11 e 4:0 – 4:1, respectivamente. A autora não computou os dados da lateral nessa posição por considerar que, no dialeto estudado, a seqüência VL é produzida como um ditongo fonético. Mezzomo (1999) corrobora esses resultados e computa também os casos de laterais em coda. Para ela, a ordem e o período em que a aquisição pode ser considerada concluída são: nasal, 2:2 – 2:4; lateral, 2:6 – 2:8; fricativa, 3:0 – 3:2; e rótica 3:8 – 3:10.

Seguindo a perspectiva anunciada anteriormente, segundo a qual a criança constrói a sua fonologia a partir da interação entre evidências externas e estrutura interna, é possível interpretar esses resultados de outro modo. Com relação às codas nasal e lateral, dada a sua precocidade, especialmente em se comparando ao tempo de aquisição das codas fricativa e rótica, pode-se pensar em um tratamento diferenciado para cada um desses grupos: o primeiro parece ser tratado pela criança como uma estrutura de núcleo ramificado, conforme sugere Freitas (1997) para a nasal e Bonilha (2000) para o ditongo; e o segundo, como rima ramificada. Seguindo a ordem de aquisição do padrão silábico, já atestada por vários estudos, dentre os quais os que já foram mencionados nesse trabalho (CV, V > CVV > CVC > CCV...), entende-se que essa pode ser uma idéia plausível.

Sobre os dados de escrita

Os dados de aquisição de escrita analisados nesse estudo pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita, o qual conta com produções de crianças que cursavam, à época das coletas, as séries iniciais de duas escolas da cidade de Pelotas, RS. Os sujeitos da pesquisa são crianças com idades entre 6 e 12 anos.

Com relação à metodologia empregada para a coleta dos dados deve-se salientar que os textos foram obtidos a partir de oficinas de produção textual, as quais foram preparadas e implementadas durante o período escolar, nas escolas frequentadas pelas crianças¹. Para este estudo, foram analisadas as produções textuais obtidas a partir das cinco primeiras coletas, em um total de, aproximadamente, 1000 textos. O levantamento de erros que envolviam a grafia das codas mostrou que há uma concentração de grafias incorretas nas duas primeiras séries.

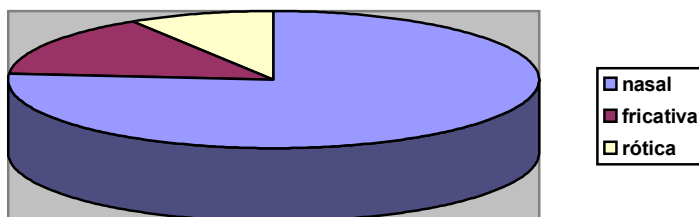
A comparação entre as formas da escrita e as formas fonológicas da língua, pelo menos, em se considerando a proposta de Bisol (1999), mostra uma equivalência entre os segmentos que podem ocupar a posição pós-vocálica em um e outro sistema. Tem-se na escrita a presença de consoantes que representam aquelas que, na fonologia, também estariam ocupando a posição de coda: nasal ('n' e 'm'), lateral ('l'), fricativa ('s', 'z' e 'x') e rótica ('r'). No caso dos ditongos, as vogais altas ('i' e 'u') são os grafemas correspondentes às semivogais.

O Gráfico 1, apresentado a seguir, bem como os exemplos em (4) mostram os resultados da análise dos dados relativos ao apagamento das consoantes pós-vocálicas nas grafias infantis. A lateral foi excluída da computação para que seja possível melhor observar a distribuição dos erros, isso por que a lateral em posição pós-vocálica é semivocalizada sistematicamente, o que faz com que as crianças, ao adquirirem a escrita, cometam erros motivados pela fonética da língua. Foram encontrados nos dados apenas cinco casos de não grafia do 'l' e trinta casos de substituição do 'l' por 'u'.

¹ Os 2020 textos que compõem o Banco foram coletados no período de 2001 a 2004 pelas bolsistas de iniciação científica Michelle Vieira (PIBIC-CNPq), Michelle Silva (PIBIC-CNPq) e Sabrina Medina (FAPERGS). Desde 2005, as bolsistas Pâmela Araújo (PIBIC-CNPq) e Miriam Álvaro (FAPERGS) vêm trabalhando na catalogação e análise dos dados.

Gráfico 1

Erros referentes à grafia das consoantes pós-vocálicas em posição medial:



(4) Exemplos de omissão de consoantes pós-vocálicas na grafia das crianças

<i>nasal</i>	<i>fricativa</i>	<i>rótica</i>	<i>lateral</i>
‘grade’	‘trite’	‘vemelho’	‘azu’
‘jutos’	‘gotava’	‘coneta’	‘utimo’
‘pergutou’	‘asu tou’	‘poquinho’	‘voto’
‘quado’	‘miturado’		
‘ispatalho’	‘etiver’		
‘covidó’			
‘bricar’			

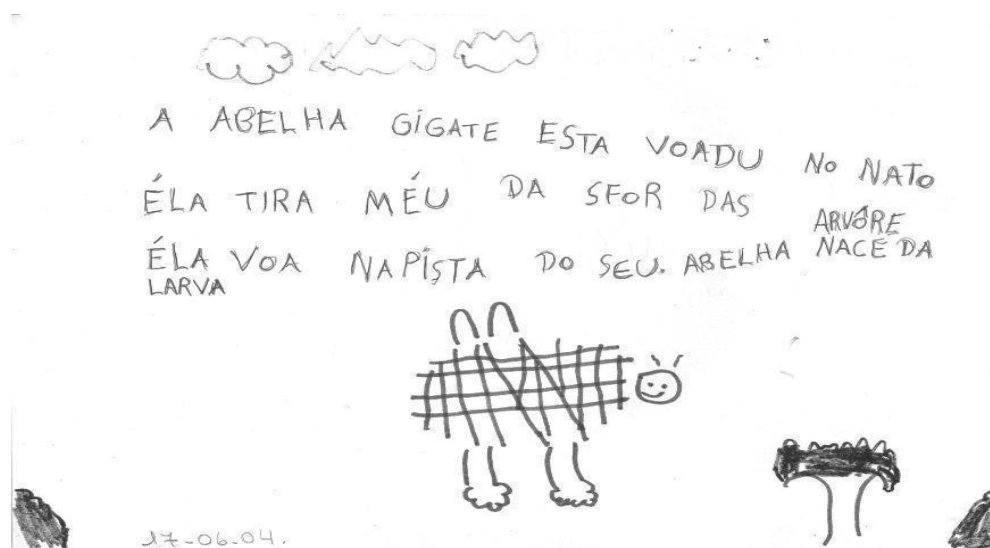
Os resultados gerais apresentados no Gráfico 1 mostram uma significativa diferença relativamente ao número de erros encontrados, em se comparando os três tipos de coda: 76.5%, 14.7% e 8.8%, para nasais, fricativas e róticas, respectivamente. Essa tendência revela que na escrita as crianças têm mais problemas para representar a estrutura que no processo de aquisição fonológica não oferece dificuldades a elas. Além disso, pode-se verificar uma inversão na ordem, visto que róticas em coda são adquiridas tardiamente (Miranda, 1996), depois das fricativas.

Nos dados referentes à grafia da líquida lateral, os exemplos de apagamentos encontrados no corpus estudado resumem-se àqueles reproduzidos em (4). Esses dados podem ser interpretados, especialmente os dois primeiros, como decorrentes de uma estratégia adotada pela criança para não criar uma seqüência de vogais altas idênticas. Essa idéia parece viável, uma vez que, conforme mencionado, a tendência nesses casos é de a criança grafar o que seria um ‘l’ pós-vocálico como ‘u’, provavelmente motivada

pela pronúncia da líquida pós-vocálica que é sistematicamente semivocalizada no dialeto das crianças estudadas e também pelo fato de estar, nesse caso, envolvida aí uma regra ortográfica arbitrária (cf. Lemle, 1982).

Em (5), está apresentado um texto produzido espontaneamente por um aluno de 1ª série que ilustra a forma como as crianças podem grafar as estruturas silábicas complexas em fase inicial do processo de escolarização².

(5)



É possível verificar em (5) que as estruturas com róticas e fricativas são adequadamente grafadas pela criança, em palavras como ‘larva’ e ‘pista’, por exemplo, ao passo que, nas palavras em que a nasal deveria ser grafada em posição pós-vocálica, observa-se que ela é sistematicamente omitida, como revela a grafia da palavra ‘gigate’ para ‘gigante’.

A distribuição dos erros encontrados na escrita, conforme mostra o Gráfico 1 e também ilustra o texto em (5), faz transparecer nos dados estudados as dúvidas das crianças diante da tarefa de grafar a estrutura CVN e, ao mesmo tempo, sugere que em

² Esse texto foi recolhido pela Professora Tânia Maria Muswieck da Costa em sua sala de aula e foi analisado no artigo de conclusão do Curso de Especialização da FaE-UFPEL.

relação à fricativa e à rótica o mesmo não se verifica, pelo menos, não com a mesma intensidade.

Esse tipo de resultado, bastante comum em textos de escrita inicial, chama a atenção exatamente porque apresenta o resultado inverso àquele observado em dados de aquisição da fonologia. Nesse sentido, considerando-se que a criança utiliza o seu conhecimento da língua durante o processo de apropriação do sistema de escrita, é possível perguntar sobre o significado de fatos como esses. Para além da simples pergunta, pode-se supor, em primeiro lugar, que a criança trata essas estruturas como sendo distintas e, seguindo-se essa linha de raciocínio, pode-se perguntar também sobre o motivo por que as crianças têm dificuldade com estruturas tão precoces na aquisição.

Com relação a essa pergunta, o fato de haver uma tendência diferente em dados de aquisição da fonologia, em se comparando com dados de escrita, pode levar a uma analogia com um fato já observado por Vigotski (1998) ao tratar da aprendizagem de uma segunda língua. Para o autor, o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, o qual é por ele comparado à aprendizagem da leitura e da escrita, é diferente daquele observado durante a aquisição de uma língua materna, pois os aspectos mais complexos são adquiridos primeiro, devido ao fato de terem exigido certo grau de consciência por parte do aprendiz para sua aprendizagem. Assim, a aquisição fonológica de uma seqüência CVN, por sua precocidade e, talvez, por ser interpretada pelas crianças, em um primeiro momento, como estrutura de rima simples seria mais difícil de ser representada na escrita inicial, momento em que as crianças precisam acessar parte do conhecimento já construído sobre a estrutura fonológica de sua língua.

Os dados de escrita analisados nesse trabalho trazem também outros indícios, além das omissões de 'n's e 'm's em posição pós-vocálica, que devem ser observados. Nas escritas infantis que compõem o Banco de Textos, são encontrados casos em que a semivogal de posição medial é substituída por uma consoante nasal como se pode observar nos excertos em (6):

(6)

(...) o lobo sai com a moto dele
atars da dela e um casador
pagou ela e a vovo saiu do gar-
da-ronpa.

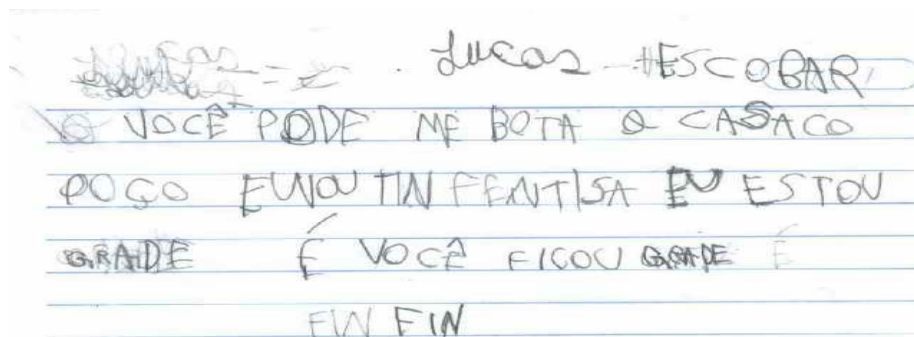
(1ª série – escola particular)

A brucha manvada (...)

(1ª série – escola particular)

Embora episódicas, ocorrências como as que estão apresentadas em (6) são observadas em textos de escrita inicial. No caso de grafias como ‘garda-ronpa’ para ‘guarda-roupa’, por exemplo, seria possível pensar-se que a criança inverteu a posição da letra, já que ‘u’ e ‘n’, tanto na letra cursiva como na letra de imprensa, têm o mesmo traçado e o que muda é apenas a posição. O mesmo raciocínio serviria para que se interpretasse a grafia ‘manvada’ para ‘malvada’, pois a lateral em posição pós-vocálica, pronunciada no dialeto estudado como um glide dorsal, é frequentemente grafada pelas crianças como um ‘u’, conforme já mencionado anteriormente. O texto reproduzido em (7), escrito por uma criança que cursava a primeira série, traz outro exemplo de troca de semivogal por consoante nasal:

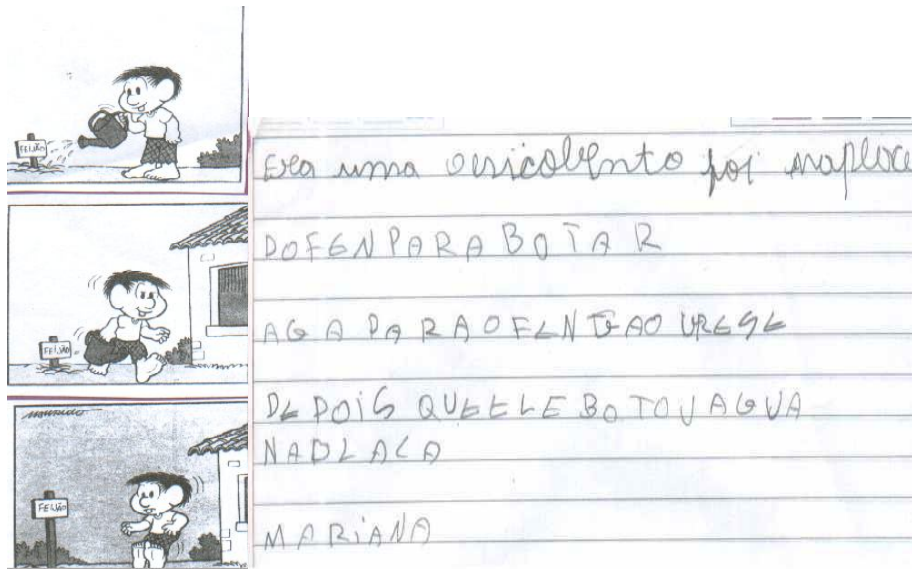
(6)³



³ A oficina que propiciou a escrita desse texto baseou-se em quadrinhos de uma história da Bruxinha, personagem criada por Eva Furnari. Após atividades de preparação para a escrita, as crianças recebiam um envelope no qual estavam contidos os quadrinhos sem legendas que compunham a história e, depois de organizá-los em uma seqüência, as crianças escreviam suas histórias.

No exemplo em (7), porém, vê-se claramente que a criança opta pelo ‘N’, letra atrás da qual se observa vestígios de um ‘i’ grafado anteriormente por ela. O exemplo em (8)⁴, assim como aquele em (7), ilustra o que se quer discutir.

(8)



A criança escreve ‘fen’ e depois ‘fengão’ para a palavra ‘feijão’, apesar de ter tido acesso à grafia padrão nos três quadrinhos manipulados por ela. Seguindo-se a idéia vigostskiana antes referida, pode-se pensar que a opção por essas grafias inusitadas reflete uma dificuldade em representar graficamente aquilo que foi adquirido de maneira muito espontânea e em fase bastante precoce do desenvolvimento lingüístico. Os estudos de aquisição fonológica mencionados sugerem que ditongos mediais e nasais pós-vocálicas são adquiridos logo no início do desenvolvimento fonológico e, no entanto, como os dados trazidos para este estudo mostram, são as estruturas que apresentam problemas para as crianças em fase inicial de aquisição da escrita. Ao utilizar a estratégia de substituição de um grafema ‘i’ por um grafema ‘n’, a criança está

⁴ A oficina referente a esse texto obedeceu à mesma orientação daquela que está mencionada na nota 3. Nesse caso, vale à pena ressaltar que nos três quadrinhos se pode ler claramente a palavra ‘feijão’. Os quadrinhos foram extraídos do Gibi do Chico Bento, criação de Maurício de Souza.

revelando não só uma dificuldade em representar graficamente a estrutura como, ao mesmo tempo, está demonstrando tratar CVN e CVG como sendo semelhantes.

Algumas considerações não finais, para que se possa continuar pensando

Procurou-se neste estudo explicitar relações que supostamente existem entre o sistema fonológico das crianças e as grafias iniciais. As conexões existentes entre ambos os processos parecem passíveis de serem observadas, como mostram os dados analisados.

Reforça-se a idéia segundo a qual os processos de apropriação do sistema ortográfico, ao serem descritos e analisados, podem revelar as tentativas das crianças de representar as formas fonológicas de sua gramática e, por esse motivo, estudos desse tipo podem contribuir significativamente para com a discussão de fenômenos problemáticos para a aquisição fonológica e, em alguns casos, para discussões referentes à fonologia da língua.

Ao assumir-se a idéia de construção gradativa do conhecimento lingüístico, considera-se também a possibilidade de que ocorram reanálises a partir das quais pode haver uma reestruturação do conhecimento fonológico. Trazida para este trabalho, essa idéia pode sugerir que as crianças, em um primeiro momento da aquisição fonológica, interpretam as estruturas CVN e CVG como rimas não ramificadas, o que seria condizente com as propostas apresentadas em (2a) e (3a), de Lee (1999) e Mateus & Andrade (2000), respectivamente. Não há, porém, o que elimine a possibilidade de que, após a experiência com o sistema de escrita ou, antes disso, com a aquisição de estruturas de rima ramificada, uma reanálise ocorra e altere as representações de tal forma que as propostas em (2b) e (3b), de Bisol (1999), sejam as mais adequadas para dar conta dessas estruturas da forma como estão representadas no sistema alvo. Os argumentos para que se faça uma ou outra opção teórica têm de ser analisados levando-se em conta evidências não somente da aquisição da linguagem, mas também aquelas concernentes ao funcionamento do sistema adulto.

Para que se possa continuar pensando, questões que traspassaram esse estudo são, a seguir, retomadas. Algumas delas foram sendo respondidas, ao menos parcialmente, enquanto outras vêm abrindo caminhos para novas reflexões:

- a) as crianças durante a aquisição fonológica interpretam nasais e glides como codas?
- b) como explicar a aquisição precoce de seqüências como CV[nasal] e CV[glide], em se comparando à aquisição mais tardia de CV[fricativa] CV[rótica]?
- c) será que as crianças não estão tratando as nasais e os glides como núcleo e as fricativas e róticas como codas?
- d) podem os dados de escrita acrescentar argumentos às discussões relativas às codas da língua no processo de aquisição? ou, perguntando de outro modo, será que dados de aquisição da escrita como esses que foram observados podem nos ajudar a ver melhor alguns sinais que já estavam lá nos dados de aquisição fonológica?
- e) será que esses dados podem indicar alguns caminhos para que pensemos sobre a construção do nosso conhecimento fonológico e sobre possíveis influências que o contato com a escrita pode exercer sobre ele, no sentido de promover a reanálise de algumas estruturas?

A resposta à questão em (a) seria ‘não’ e, exceto pelo caso de (b), questão à qual a explicação estaria relacionada às diferentes representações das estruturas silábicas, sem coda e com coda, a resposta adequada parece ser ‘sim’ para todas as outras. No entanto, essas respostas não são decisivas, isso porque esse ‘sim’ carece de outras investigações que tragam mais à luz as relações entre representações fonológicas e representações gráficas e ortográficas. Sabe-se que há inúmeros fatores envolvidos em ambos os processos desenvolvimentais, mas, acredita-se que as pistas encontradas na escrita referentes a aspectos relacionados às estruturas silábicas da língua podem permitir que se construam argumentos capazes de contribuir para com a discussão de questões teóricas relacionadas às representações fonológicas das crianças.

Referências Bibliográficas

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (Org.) *Aquisição da linguagem – questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- _____. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. *Anais do II Encontro sobre Aquisição de Linguagem*. Porto Alegre: PUCRS, 1991.
- _____. The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representation. *European Journal of Psychology Education*, v III, 4o, 415-430, 1988.
- ADAMOLLI, Marco Antônio. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org.) *Gramática do português falado*. v.VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- BONILHA, Giovana. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, [1970] 1995.
- COSTA, Tânia Maria da. Um estudo sobre a relação entre a aquisição da ortografia e da fonologia. *Revista Alfabetização e Letramento*. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, v.1, n.1, 2005.
- CUNHA, Ana Paula e MIRANDA, Ana Ruth. A hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita. *Anais do 4º SENALE – UCPEL*, Pelotas, 2006.
- CUNHA, Ana Paula. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.
- FREITAS, Maria João. *A aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Lisboa, 1997. Tese (Doutorado em Lingüística) Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.

- GUIMARÃES, Marisa Rosa. *Um estudo sobre Aquisição da ortografia nas séries iniciais*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.
- LEE, Seung-Hwa. *Sílabas do português brasileiro na visão da teoria da otimidade*. II Congresso Nacional da Abralin. Florianópolis UFSC, 1999. (ms).
- LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1982.
- MATEUS, Maria Helena Mira e d'ANDRADE, Ernesto. *The phonology of portuguese*. Oxford University Press, 2000.
- MATZENAUER-HERNANDORENA Carmen Lúcia. Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos. Tese (Doutorado em Letras), Porto Alegre, PUCRS, 1990.
- MEZZOMO, Carolina. Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal. Dissertação (Mestrado em Letras), Porto Alegre, PUCRS, 1999.
- MIRANDA, Ana Ruth. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do português. Anais da ANPESul – UFSM, Santa Maria, 2006.
- _____. *A aquisição do "r": uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre, PUCRS, 1996.
- _____; MEDINA, Sabrina Zitzke. SILVA, Michelle Reis da. O Sistema Ortográfico do Português Brasileiro e sua Aquisição. *Linguagem e Cidadania*. Revista Eletrônica, UFSM. Julho/dezembro, edição 14, 2005.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- _____. *Representaciones Infantiles sobre la Ortografía del Portugués*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 1995.
- RANGEL, Gilsenira de Alcino. Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1:6 a 3:0. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, H, e SMITH, N. (eds.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, v.II, p. 337-379, 1982.

VARELLA, Noelly Klein. *Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?* Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, 1993.

VIGOSTKI, Liev Semiónovitch. *Pensamento e Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.